

**ENTRELAÇANDO HISTÓRIAS, TECENDO MEMÓRIAS A PARTIR DE OBJETOS
DA CULTURA MATERIAL ESCOLAR**

**INTERWEAVING STORIES, WEAVING MEMORIES FROM OBJECTS OF THE
SCHOOL SUPPLIES CULTURE**

Recebido em: 26/07/2023

Aceito em: 19/08/2023

Eliane de Sousa Almeida¹ 

Eurize Caldas Pessanha² 

Resumo: Este ensaio insere-se na área da História da Educação, especificamente na História das Instituições Escolares, que se constitui em fértil campo de investigações nas últimas décadas. Buscou-se elementos da cultura material escolar de uma instituição de ensino localizada na cidade de Caxias, estado do Maranhão. O Colégio São José é uma escola confessional e filantrópica, que compõe a Congregação das Irmãs Missionárias Capuchinhas no Brasil. Como percurso metodológico adotou-se a pesquisa documental, a partir de registros fotográficos do acervo material da instituição de ensino. O corpus documental da pesquisa foi analisado segundo pressupostos teórico-metodológico da vertente da História Cultural, que se manifesta plural em seus objetos, fontes e abordagens. A pesquisa evidenciou os usos dos objetos utilizados na escola, conferindo-lhe contornos dos modos de organização e das dinâmicas da escola.

Palavras-chave: Instituições escolares; História; Cultura material.

Abstract: This essay is part of the History of Education area, specifically the History of School Institutions, which has constituted a fertile field of investigations in recent decades. Elements of the school material culture of an educational institution located in the city of Caxias, Maranhão State, were sought. Colégio São José is a confessional and philanthropic school, which belongs to the Congregation of the Capuchin Missionary Sisters in Brazil. As a methodological route, documentary research was adopted, based on photographic records of the educational institution's material collection. The documentary corpus of the research was analyzed according to the theoretical-methodological assumptions of the Cultural History strand, which manifests itself in a plural way in its objects, sources and approaches. The research showed the uses of the school objects, giving it contours of the ways of organization and dynamics of the school.

Keywords: School institutions; History; Material culture.

INTRODUÇÃO

A escrita da História da Educação, a partir das últimas décadas do século XX, caminha para um movimento significativo de olhares direcionados a estudos referentes às instituições

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – Campus Caxias. E-mail: eliane.almeida@ifma.edu.br.

² Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Grande Dourados. Bolsista de Produtividade em Pesquisa/CNPq. E-mail: eurizepessanha@ufgd.edu.br.

escolares, ao apresentar um fecundo campo no qual o pesquisador interessado na temática poderá debruçar-se em suas investigações.

Essa movimentação teve maior visibilidade a partir da década de 1990, com a consolidação dos Programas de Pós-Graduação em Educação, pelo aumento do número de grupos de pesquisa, eventos e periódicos dedicados ao assunto, ampliação das linhas de investigação, diversificação teórico-metodológica e utilização de variadas fontes, o que representa um aspecto contemporâneo no contexto da História da Educação. Entre essas, destaca-se a história das instituições escolares (GATTI JÚNIOR; GATTI, 2015; NOSELLA; BUFFA, 2013; 2005; MAGALHÃES, 2004). Muitos destes estudos estão localizados no Sul e Sudeste, regiões em que tiveram início os primeiros Programas de Pós-Graduações no país na década de 1980 e ao longo do tempo, foi ampliado para outras regiões do país.

Certamente, instituições educativas constituem-se em espaços dotados de sentidos e sensibilidades, de conteúdos e valores àquele que aqui, especificamente, investiga a materialidade escolar, e denuda um cenário de descobertas, haja vista serem produções humanas e, portanto, inseridas no contexto histórico e social local.

Os sentidos e as sensibilidades dados aos estudos relacionados às instituições de ensino revelam que a materialidade é constituída pelo universo de objetos que fazem parte do contexto histórico e social da escola. Para além da cultura material, em suas variadas dimensões – objetos e instrumentos – edificações, mobiliário, uniformes, fotografias, placas de formaturas, cadernos, objetos do cotidiano escolar, entre outros elementos –, estudos têm revelado os aspectos imateriais, voltados para as memórias, identidades, subjetividades e os sujeitos que vivenciam e/ou vivenciaram os espaços escolares, o que possibilita nuances e interfaces diversas. No caso específico desta pesquisa, o estudo voltou-se para a cultura material escolar.

Para o estudo relacionado à história das instituições escolares, optou-se pelos estudos de Magalhães (2004) e Nosella e Buffa (2005) e consideraram-se objetos produzidos na/pela cultura escolar da instituição escolar denominada Colégio São José, na cidade de Caxias, estado do Maranhão. A respeito da cultura material escolar, foram utilizadas as contribuições de Julia (2001) e Viñao Frago (1995), para compreender a cultura da escola em sua materialidade, assim como sua organização, valores, práticas e vivências e, desse modo, trazer à tona reflexões sobre cultura material, haja vista serem produtos do trabalho humano que apresentam facetas práticas

e simbólicas e podem muito dizer sobre o período histórico em que foram produzidos, por estarem carregados de subjetividade e repletos de significados.

Esse ensaio tem abordagem histórica, situada na história da educação brasileira, que privilegia os estudos sobre a história das instituições escolares e a cultura material escolar. Em decorrência disso, se fez necessária uma fundamentação teórica vinculada à Nova História Cultural (GINZBURG, 1989; CHARTIER, 2001), em convergência com a história da educação.

Como objetivo de investigação, buscou-se conhecer e descrever objetos da cultura material escolar do Colégio São José que ajudassem no evocar de histórias e memórias, na perspectiva de apresentá-los e compreender seus usos. O Colégio São José provoca em muitos caxienses lembranças afetivas: para alguns, por terem estudado na instituição; outros, por terem trabalhado na escola e, ainda muitos outros, pelo caráter de sua condição no estrato social local, apenas apreciava ao passar em frente ao majestoso prédio e, em seus sonhos e imaginação, ali estudarem, e os pensamentos de como seria o lugar, os ambientes das salas de aula e, igualmente, as aulas e os professores, o “viver” a escola, o pátio, as atividades culturais e esportivas, entre outros aspectos. Desse modo, a instituição escolar objeto de estudo, constituiu-se em lugar de memórias, conforme descrito por Pierre Nora (1993), existindo no sentido material e simbólico, com materialidade e tangibilidade.

O CAMPO DA CULTURA MATERIAL ESCOLAR

A cultura material passou a ser analisada na área da História da Educação influenciada pelos estudos em cultura escolar, pela renovação na área provocada pela Nova História Cultural e pelo interesse de historiadores sobre a preservação de fontes de pesquisa e de memória educacional em arquivos escolares, museus e centros de documentação (SOUZA, 2007). Ao pesquisador cabe perscrutar indícios não percebidos pela maioria das pessoas, conforme relata Ginzburg (1989, p. 151), ao falar da importância dos atos de “[...] farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitésimas como fios de barba [...]”.

Pensar a cultura escolar e/ou as dinâmicas de seu cotidiano, exige que se leve em consideração as regras e as relações nelas existentes. Desse modo, conforme Julia (2001, p. 32), a cultura escolar é, efetivamente, “uma cultura conforme, e seria necessário definir, a cada período, os limites que traçam a fronteira do possível e do impossível”. Igualmente, Magalhães

(2004, p. 114) afirma que a “história do sistema educativo não é um somatório de instituições escolares justapostas nem, por outro lado, a história de uma dessas instituições se torna possível fora de um todo coerente”. Nessa compreensão, ao historiar uma instituição escolar, busca-se compreender e explicar os processos e os compromissos sociais como condição instituinte, de regulação e de manutenção normativa, analisando comportamentos, representações e apropriações de projetos e sujeitos na relação com a realidade sociocultural do contexto, quer material ou imaterial.

As bases teórico-conceituais desenvolvidas por Julia (2001) apontam a cultura escolar compreendida como conjunto de normas a ensinar e práticas que possibilitam sua difusão e circulação. Ao falar em normas, busca-se relacionar o conceito a um conjunto de regras estabelecidas nas/pelas instituições escolares, que envolve do funcionamento à organização política, cultural e administrativa. A prática, por sua vez, pode se apreendida enquanto estrutura simbólica, referindo-se aos meios pelos quais as instituições escolares utilizam para transmitir cultura e produzir conhecimentos, materiais e imateriais.

Desse modo, cultura escolar, conforme a definição de Viñao Frago (1995, p. 68-69), consiste em um:

Conjunto de aspectos institucionalizados que caracterizam a escola como organização, incluindo, práticas e condutas, modos de vida, hábitos e ritos – a história cotidiana do fazer escolar –, objetos materiais – função, uso, distribuição no espaço, materialidade física, simbologia, introdução, transformação, desaparecimento, e modos de pensar, assim como significados e ideias compartilhadas.

A literatura evidencia inúmeras possibilidades de estudar e pesquisar a cultura escolar. Isso permite, àquele que deseja conhecê-la, partir em viagem a itinerários e/ou (re)visitar caminhos já percorridos, sob novas perspectivas de tendências investigativas, tanto no que se refere às fontes, quanto aos objetos, no intuito de perscrutarem também as práticas educacionais, inventariando-as, do funcionamento interno da escola, legislações, dentre outros campos, à dinâmica vivida no cotidiano do ambiente escolar. Em outras palavras, compreender a cultura escolar produzida pelas/nas instituições de ensino, vai ao encontro do processo dinâmico pelas quais a sociedade passa, frente às tecnologias inseridas nas diversas dimensões da vida, transformações socioeconômicas, políticas e culturais vivenciadas.

Com efeito, a cultura material escolar constitui-se em expressões culturais pautadas também em linguagens e são cheias de significados, práticas, representações e apropriações (CHARTIER, 2001), o que permite ao pesquisador olhar/observar o micro, aqui representado pelo Colégio São José.

Ao definir a cultura material do Colégio São José como objeto e fonte de estudo para a pesquisa, se fez necessária a ida a campo, realizada durante o mês de fevereiro de 2023, para conhecimento e apropriação do acervo material da instituição selecionada para o estudo.

Localizada a cerca de 370 km da capital maranhense, São Luís, a cidade de Caxias, estado do Maranhão, “nasce” no início do século XVII, com as entradas e bandeiras realizadas pelos colonizadores portugueses. Constituída às margens do rio Itapecuru, o “Nilo Maranhense” (LÔBO, 2003), o local era habitado por tribos indígenas, entre elas os Guanarés, os Timbiras e Gamelas.

No início do século XIX, impulsionado pelo desenvolvimento econômico, o algodão, em 1811, o Arraial foi elevado à Vila recebendo a denominação de Caxias das Aldeias Altas. Em 1836, passou à categoria de cidade, com a designação *Cachias*, como deixaram registrados os viajantes e naturalistas Spix e Martius, em 1819, quando por aqui passaram (LÔBO, 2003). Hoje, grafa-se Caxias com a letra x.

Lugar de singular importância na história brasileira, Caxias é tida como uma cidade com uma cultura própria, fruto de sua inserção em momentos significativos da história do país, com destaque para o século XIX, ligados às mudanças nos rumos da economia, através do algodão, o “ouro branco”, e da implantação de um parque fabril têxtil; na resistência à independência do Brasil, somente reconhecida em agosto de 1823; na luta contra a opressão, com a Guerra da Balaiada (1838-1841); pela constelação de literatos, entre eles os poetas Antônio Gonçalves Dias, Henrique Maximiliano Coelho Neto e Teófilo Dias – que deixaram marcas indeléveis da riqueza cultural da cidade. Destaca-se, igualmente, no âmbito educacional.

Diante disso, convém situar e contextualizar historicamente a instituição. Localizada no centro da cidade de Caxias, Estado do Maranhão, a Congregação da Associação das Irmãs Missionárias Capuchinhas de Caxias, denominada hoje Colégio São José, é uma escola confessional católica e filantrópica, de natureza privada, foi inaugurada na cidade em 14 de fevereiro de 1937, com a designação Educandário São José, em sessão solene, presidida por Monsenhor Frederico Chaves (LIMA, 1997). As atividades educativas tiveram início no dia 1º

de março de 1937, voltadas para atender crianças e jovens mulheres de famílias abastadas da cidade, a princípio oferecendo o ensino primário. Pelo caráter filantrópico, em 29 de abril deste mesmo ano, inaugura a Escola Santa Rosa de Viterbo para atender às famílias pobres da localidade.

No primeiro momento, a oferta de ensino era voltada para a educação feminina, com ênfase na formação moral, religiosa e doméstica. A escola destacou-se por oferecer refinamento cultural para as moças, com o objetivo de torná-las pessoas prontas para o convívio social, conservando ao longo de sua vida virtudes, como a assiduidade à igreja, e preparação para cuidar das “prendas do lar”, do esposo e dos filhos. Na década de 1960, passou a aceitar pessoas do gênero masculino.

O ensino secundário foi iniciado em 1948, com a instituição sendo elevada à categoria de Ginásio ofertando, também, o ensino técnico em Magistério, Secretariado, Contabilidade e de Formação Geral. Hoje, a escola atende da educação infantil ao ensino médio. A oferta de ensino secundário ocorre a partir de demandas da sociedade caxiense, que antes precisavam enviar seus filhos para continuar os estudos em outras localidades e até regiões do país.

Em 1955, o Ginásio São José, por meio do Decreto-Lei nº 1123, de 01 de novembro de 1955, recebeu autorização para ministrar o Curso Normal. Em 02 de janeiro de 1972 recebeu a denominação de Colégio São José, pela Resolução nº 12-A/72, incluindo os novos Estatutos da Associação das Irmãs Missionárias Capuchinhas de Caxias (LIMA, 1997).

A apropriação simbólica obtida ao realizar a “viagem” aos lugares já visitados e não vistos³, está acumulada de sentimentos de pertencimento, o que o particulariza e o transforma em um lugar de memórias afinal, conforme Pierre Nora (1993, p. 7), “o sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memórias”.

Com a autorização recebida para a realização da pesquisa na instituição escolar, logo após diálogos com a Diretoria para a apresentação do objetivo do estudo, iniciou-se o perscrutar da investigação, acompanhada por dois funcionários para a condução aos “espaços de memórias” da instituição aos ambientes em que os objetos estavam guardados (devido a uma

³ Cabe registrar o encantamento e a emoção que tomaram conta de uma das autoras, a partir de um olhar aguçado e investigativo, ao (re)visitar um lugar frequentado diariamente por mais de dez anos e rever objetos já visto antes e, igualmente, muitos outros que o olhar, à época, não permitiu que fossem percebidos. Certamente, o olhar não estava preparado para ver, apreciar e analisar a riqueza ali presentes.

reforma na escola, os objetos que compõem o acervo histórico e material da instituição estão dispostos em vários espaços da instituição).

E, assim, foi dado início ao processo de “garimpagem” e registro dos objetos. De posse de aparelho celular e de diário de campo os artefatos foram sendo fotografados. A cada *click*, uma memória e uma história poderiam ser narradas. Desse modo, passou-se a fotografar objetos diversos.

O ato de registrar objetos diversos foi com o propósito de ter vasto material que possibilitasse o conduzir para a investigação, iniciado com o ato de selecionar, separar, classificar os objetos de interesse para, em seguida, ir ao encontro do que Certeau (1982, p. 81) afirma: “em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira”, haja vista passarem por análise que, por vezes, podem trazer novos elementos, antes despercebidos por pesquisadores e/ou viajantes-observadores da História. Nessa direção, esta pesquisa toma como referência a cultura material e remete à intrínseca relação que os objetos guardam com a produção de sentidos e significados para a instituição.

Ao estar diante de um acervo tão significativo, foram feitos registros fotográficos de 42 objetos. Diante da riqueza da cultura material do Colégio São José, para o espaço desta pesquisa foram selecionados cinco exemplares: piano; placa de formatura; rádio vitrola e disco de vinil; máquina de datilografia; e, sino.

Objetos escolhidos, buscou-se elementos de compreensão no intuito de saber sobre suas representações e apropriações, na perspectiva de Chartier (2001), no circuito da História Cultural, com o objetivo de perceber/ler os objetos culturais e as relações com o cotidiano da vida na escola.

CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A abordagem qualitativa desempenha papel significativo na combinação com outros métodos de pesquisa, por sua característica multimetodológica e possibilidade de uso de uma variedade de procedimentos e instrumentos de construção de dados. Ao pensar o caráter multimetodológico da abordagem qualitativa, a observação foi subsidiada pelo registro no diário de campo, norteador por uma vigilância epistemológica, que possibilita uma visão poliocular, ajudando ao pesquisador a superar preconceitos, a “ajudar” na memória e a perceber

os objetos na própria descrição (BRANDÃO, 1982). O diário de campo constitui-se em um instrumento indispensável para que se possa aprofundar os olhares sobre a realidade do espaço social pesquisado, ao se considerar que os escritos nele descritos revelam modos de sentir pessoas, lugares, situações, objetos. Assim, o diário de campo tem a função que transcende a mera observação, pois através dele, é possível teias de relações para explicar o sentimento e a emoção dos objetos e/ou sujeitos pesquisados.

No caminhar investigativo, tem-se a fotografia com a potencialidade de conduzir as pessoas a um “olhar para trás”, ao revelar o passado e denudar o lugar de fala de quem se arrisca a observar o que foi registrado, como forma ideal para registrar o cotidiano da pesquisa. Ela possibilita deixar para a história memórias, emoções, sentimentos. Por meio do “retrato”, outrora assim denominado, as pessoas tornam-se testemunhas de suas próprias experiências [e de outras] construídas no passado e no presente. A fotografia permite, então, o reviver de lembranças, emoções e adquirir informações da realidade registrada num dado momento histórico. Então, adentrou-se em um campo fecundo e desconhecido para muitos.

Para a descrição dos objetos culturais, definiu-se pelos caminhos propostos por Grunberg (2007) que aponta quatro *passos* como estratégia metodológica para o registro dos elementos da investigação:

a) *Observação*, que permitiu a identificação do objeto, sua função e/ou significado. Para tanto, as indagações são estratégias importantes para melhor apreender o objeto. A observação é no sentido de/do *como* observar que requer, igualmente, rigor metodológico.

b) *Registro*, com os atos de fotografar os objetos, fazer descrições e anotações no diário de campo.

c) *Exploração*, que consistiu na descrição dos bens culturais, a partir de um olhar investigativo na perspectiva de descrever os objetos, os usos e os seus significados.

d) *Apropriação*, com o objetivo de potencializar os sentidos dos objetos culturais da instituição escolar o que, na perspectiva de Chartier (2001), potencializa sentidos latentes por meio da memória, das sensações e das emoções do pesquisador.

No item seguinte são apresentados e descritos os objetos da cultura material escolar selecionados da instituição de ensino, o Colégio São José.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As contribuições do estudo da cultura material escolar, das edificações escolares ao objetos e usos, entre outros aspectos, são campos que tem dado visibilidade aos objetos das instituições escolares que instauraram, ao longo do tempo, sua materialidade, tangibilidade e representatividade *do e nos* processos humanos que lhes conferem valor.

O Colégio São José guarda uma infinidade de objetos que expressam a cultura material escolar que ali foi construída. A cada espaço a que era encaminhada para conhecer e fotografar, a surpresa se fazia presente ao visualizar tantas relíquias que aguçaram a curiosidade, as sensações, os sentimentos e as emoções, e fizeram recordar, com os olhos do presente, cenas do passado.

Nesse item, serão realizados as descrições e os detalhes dos objetos selecionados para o escopo da pesquisa da cultura material do Colégio São José. Ao descrevê-los, busca-se na memória o ambiente no qual os acontecimentos ocorreram, o que permite retomar aos fatos e a situações captadas pelo registro fotográfico.

Os objetos, em detalhes

a) Piano

IMAGEM 1 – PIANO M. SCHWARTZMANN



Fonte: As autoras, fevereiro/2023.

Da marca alemã M. Schwartzmann (IMAGEM 1), da empresa José Maurício P. Schwartzmann, o piano foi o primeiro objeto observado e fotografado. A fabricação no Brasil teve início na primeira metade do século XX, instalada em São Paulo, no Bairro Brás Cubas, na cidade de Mogi das Cruzes, com auge na produção na década de 1960. Esse é o modelo do exemplar que se encontra no Colégio São José.

Imponente e delicado, o objeto estava em uma pequena sala junto a uma série de outros objetos, o que dificultou a realização do registro fotográfico com melhor ângulo e qualidade. O piano vertical de madeira maciça, textura lisa, possui 88 teclas e três pedais, apresenta um estado de conservação considerado bom, aos olhos da pesquisadora, muito embora evidencie marcas do tempo e sofre pela deteriorização e falta de uso. Há marcas da estrutura de parte do móvel desgastado. O piano, quando a pesquisadora ousou tocar em suas teclas emitiu sons, embora desafinados, pelo desuso e falta de manutenção e evidencia a necessidade de revitalização do objeto. Mas não é utilizado há muito tempo.

O instrumento musical era utilizado nas aulas de piano e nas datas de eventos importantes da instituição, a exemplo das refeições de grau e pode ser observado e analisado sob muitas perspectivas, afinal, objetos escolares apresentam,

[...] uma materialidade (madeira, ferro, ardósia, cor, forma, dimensão, peso, entre outras) e uma função [...]. Cada objeto dá-nos mais informações acerca dos seus utilizadores, do nível de desenvolvimento da sociedade onde se produz ou utiliza e das técnicas de produção da indústria, dos métodos de ensino utilizados e do estado de atualização dos professores em termos pedagógicos, entre outras perspectivas possíveis (PALMA, 2013, p. 134).

É importante pensar esses eventos como uma forma de afirmação da função socioeducativa do Colégio São José. Ao pensar sobre o piano, ele pode trazer informações sobre quem os utilizava, ou seja, professor e aluno, pois há uma intenção de quem o produz e de quem o usa afinal, cada objeto tem um intuito de propiciar formação para algo, ou somente entreter para a vida social, pessoal ou outro.

b) Placa de formatura

IMAGEM 2 – PLACA DE FORMATURA DO EDUCANDÁRIO SÃO JOSÉ (1958)



Fonte: As autoras, fevereiro/2023.

As colações de grau, ontem e hoje, se revelam em momentos significativos para a instituição de ensino formadora, formandos, familiares e amigos, por eternizarem um momento especial na vida de cada um. No mesmo ambiente do piano, foram localizadas duas placas de formaturas, uma datada de 1958 e a outra de 1960.

A Imagem 2 evidencia e eterniza a placa de formatura “Turma Menino Jesus – Doutores do ABC” –, do ano de 1958. Ela traz elementos significativos: o material escolhido foi a madeira (mogno) e chama a atenção, à primeira vista, o símbolo principal, ornado em monograma em formato de flor, a imagem do Menino Jesus, em conformidade com o caráter confessional da escola; o nome da instituição, Educandário São José, e o das formandas, tendo a estudante Edna Frazão Machado como a oradora da turma e como paraninfo, Alderico S. Lima; e dois professores homenageados.

Assim, a fotografia permite ao pesquisador um exercício de reflexões que a prática proporciona, ajudar o pesquisador a ver e a compreender com maior clareza a realidade observada.

c) **Rádio vitrola Telesart e disco de vinil andorinha do amanhã**

IMAGEM 3 – RÁDIO VITROLA TELESART

IMAGEM 4 – DISCO DE VINIL



Fonte: As autoras, fevereiro/2023.

Ao registrar, por meio da fotografia, a Rádio Vitrola Telesart, se fizeram presentes memórias relacionadas a seus usos: no horário da entrada de alunos e funcionários na escola, assim como nos momentos que anunciavam o recreio e eventos, muito comuns no Colégio São José. O objeto ficou em uso até a década de 1990, quando foi desativado para ceder lugar a outras tecnologias sonoras.

Certamente, os objetos trazem materialidade e funções, afinal, nenhum objeto é neutro, sempre traz consigo uma intencionalidade, valores, crenças, o que possibilita que se compreenda as organizações e dinâmicas das instituições escolares.

A Rádio vitrola (IMAGEM 3) era usada diariamente, nos dias letivos, para tocar o Hino Nacional na hora da entrada dos alunos no Colégio, para as rezas e eventos da instituição, a exemplo dos saraus e das matinês (no período carnavalesco), nas cerimônias de formaturas, etc. E as memórias fizeram viagem imaginando como eram os momentos dos saraus, aqueles moças e moços vestidos em trajes elegantes, conversando, ouvindo músicas e/ou recitando poesias, em conversas aleatórias e, claro, os flertes, o pátio da escola no momento dos bailes, os meninos “enchendo o peito” de coragem para convidar as enamoradas para uma dança.

O disco de vinil (IMAGEM 4) encontrado na Rádio Vitrola evidencia ter sido ouvido até o começo da última faixa, é o que denuncia a agulha, mostra que a última vez que fora usada não foi em um sarau. Certamente foi em um evento religioso, pois a produtora Kainonia e o título das músicas contidas no “miolo” do disco remetem às canções propagadas pela igreja católica da época.

A outra memória trazida pelo objeto em questão tem relação com o Hino Nacional, um acontecimento bastante valorizado na época, dada a importância do patriotismo para as instituições escolares. Em fardamento impecável, os alunos precisavam chegar com 20 minutos antes do início das aulas para, em fila (dos menores para os maiores, por série), colocarem as mãos para trás e cantar todo o Hino Nacional, sem errar

d) Máquina de datilografia

IMAGEM 5 – MÁQUINA DE DATILOGRAFIA



Fonte: As autoras, fevereiro/2023.

A máquina de escrever, da marca Olivetti (IMAGEM 5), era usada para o ensino da datilografia no curso Técnico de Contabilidade ofertado pela instituição. Eram ensinadas práticas de escrita em máquinas de escrever que poderiam ser aplicadas em seus futuros trabalhos, em escritórios ou outros. A técnica consistia em digitar sem olhar muito nos teclados e com certa velocidade e tempo determinado pela professora, o aluno tinha que transferir para o papel o texto entregue. Tiravam nota azul aqueles que concluíam o texto no tempo por ela

determinado com o mínimo de erros (cinco a sete palavras). Era realmente um desafio. O curso tinha a duração de um ano, com aulas diárias e era um dos meios possível de ser funcionário de bancos e de escritórios de contabilidade. Os melhores alunos saíam de lá com indicação de emprego.

e) **Sino**

IMAGEM 6 – SINO DO COLÉGIO SÃO JOSÉ



Fonte: As autoras, fevereiro/2023.

O quinto objeto selecionado e ora apresentado e descrito é o *sino*. Construído em ferro maciço (IMAGEM 6) e com um olhar mais atento, é percebido que nele está datado a época em que fora fabricado exclusivamente para o Colégio, em 1943.

Na escola, o sino possuía diversas finalidades: marcava o horário de entrada e saída dos alunos da escola, os momentos das trocas de professores nas salas de aulas, do recreio, da convocação das irmãs para o momento das rezas no oratório da escola, bem como o toque de

recolher das alunas internas. O sino, utilizado na escola até a década de 1980, foi substituído foram substituídos por nova tecnologia, as companhias.

O badalar do sino evoca significados: por alguns instantes, a pesquisadora se viu na sala de aula da escola primária, já quase no final da manhã, esperando o sino tocar, que anunciava a saída dos alunos. E, detalhe: eram dados dois toques apenas, mas todos ouviam.

Certamente, os objetos da cultura material escolar, em especial os localizados no acervo do Colégio São José, objeto desse estudo, podem ser compreendidos em sua complexidade constituindo-se, portanto, em um objeto cultural utilizado em situações nas quais estavam envolvidos os processos de ensino e aprendizagem e, desse modo, é fator relevante de sua importância, uma vez que abriga o conjunto dos saberes que convencionalmente foram reconhecidos como essenciais à formação dos cidadãos desse país, relacionados com as políticas que o viabilizam. Através do diálogo estabelecido entre a História e a Educação, por exemplo, é possível problematizar todas as questões que envolvem os objetos da cultura material escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção de conhecimento sobre cultura material escolar apresenta a riqueza de possibilidades de estudos e renovação de fontes de pesquisa. Esse movimento tem potencializado que histórias e memórias sobre os objetos escolares entrem em cena e provoquem em pesquisadores e leitores o perscrutar nesse campo de pesquisa ao ensinar e direcionar o olhar e a investigação de outras formas, a seguir as pegadas, a sentir e perceber os objetos, a ir aos arquivos.

Instituição de ensino de referência em Caxias e cidades circunvizinhas desde a década de 1930, o Colégio São José tem sua história composta, também, por uma variedade de objetos que constituem a sua materialidade.

Desse modo, os objetos apresentados e descritos nessa pesquisa mostram, de alguma forma, a intencionalidade da instituição escolar para com a sociedade caxiense, e por meio deles é possível adquirir informações acerca das práticas do passado presentes na escola.

Ao propor uma análise da dimensão da materialidade da Congregação da Associação das Irmãs Missionárias de Caxias, o Colégio São José, por meio da descrição de objetos e de

seus usos, é possível adentrar na história e nas memórias da instituição, tão importante para a população da cidade de Caxias, estado do Maranhão, suas contribuições na história da educação caxiense, o que muito contribui no presente para a formação de muitos alunos e alunas que por ela passa.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Diário de campo: a antropologia como alegoria**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. 2. ed. Lisboa: Difel, 2001.
- EVELINA GRUNBERG. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, 2007.
- GATTI JÚNIOR, Décio; GISELI CRISTINA DO VALE, Gatti. A história das instituições escolares em revista: fundamentos conceituais, historiografia e aspectos da investigação recente. **Revista Educativa**, Goiânia, v. 18, n. 2, p.327-359, jul./dez. 2015.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HELENA PALMA. Os materiais didáticos utilizados no processo de ensino aprendizagem de conteúdos matemáticos na escola primária (séculos XIX-XX). In: MARIA JOÃO MOGARRO. (Coord). **Educação e Patrimônio Cultural: escolas, objetos e práticas**. Lisboa: Colibri/ IEUL, p.130-157, 2013.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, p.9-43, jan/jun. 2001.
- LIMA, Albert. **História do Colégio São José**. Timon: Grafiset, 1997.
- LÔBO, Libâneo da Costa. **Quinteto**. Rio de Janeiro: Grafset, 2003.
- MAGALHÃES, Justino. **Tecendo nexos: história das instituições educativas**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História**. São Paulo, n. 10, dez. 1993, pp. 7-28.

NOSELLA, Paolo; ESTER BUFFA. As pesquisas sobre instituições escolares: o método dialético marxista de investigação. **EccoS Revista Científica**, vol. 7, núm. 2, julho-dezembro, 2005, pp. 351-368. Universidade Nove de Julho, São Paulo, Brasil.

NOSELLA, Paolo; ESTER BUFFA. **Instituições escolares: por que e como pesquisar**. 2. ed. Campinas/SP: Alínea, 2013.

ROSA DE FÁTIMA SOUZA. História da cultura material escolar. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Historia de la educación e historia cultural. In: **Revista Brasileira de Educação**. ANPED, n. 0, p. 63-82, Set-Dez/1995.